



A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E O COMPORTAMENTO LEITOR DAS CRIANÇAS

Joscilene Alves de Sousa¹; Ana Luisa Nunes Diógenes²

¹Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI-UECE), joscilenii@yahoo.com.br; ²Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI-UECE), analuisadiogenes@yahoo.com.br

Resumo: A contação e leitura de histórias são práticas que despertam o interesse pela leitura, incrementam a imaginação e criatividade e oportunizam outras formas de estar e ver o mundo. Este trabalho constitui-se recorte de uma pesquisa monográfica e intenta discutir a relação entre a narração de histórias e a promoção do comportamento leitor nas crianças, percebendo a aquisição de saberes envolvida neste processo a partir do olhar de professoras da Educação Infantil. As motivações para esta pesquisa surgiram a partir do projeto de extensão Grupo Palavra Encantada, da Faculdade de Educação de Itapipoca, da Universidade Estadual do Ceará, voltado à formação docente na arte de contar e ler histórias para crianças. O artigo traz para cena a questão da formação do professor como promotor da leitura a partir da arte narrativa. A temática justifica-se pela importância da leitura literária no contexto da formação integral da criança. A pesquisa configura-se como qualitativa e de caráter exploratório. Para coletar os dados utilizou-se a entrevista semiestruturada. Foram sujeitos da pesquisa alunas bolsistas e ex-bolsistas do projeto. A análise reafirma o impacto da arte de contar e ler histórias para a aproximação das crianças com os livros, a leitura e seu desenvolvimento e a importância de parceria com as famílias. Estes resultados expressam a relevante contribuição da arte narrativa na formação infantil. Permitem pensar a necessidade de que o educador se assuma como professor suficientemente narrador e expresse uma atitude afetuosa com o texto literário e os ouvintes, ressaltando o caráter lúdico desta prática.

Palavras – Chave: Narração de histórias, formação leitora, formação de professores.

INTRODUÇÃO

O hábito de contar histórias remonta aos povos mais antigos quando se reuniam ao redor do fogo, à beira dos rios, para partilharem suas experiências (CAVALCANTI, 2004; COELHO, 1999). Em período mais próximo ao atual, restrito às comunidades rurais, ouviam-se histórias em calçadas, em noites de lua cheia, ou ainda ao pé da cama, na hora de dormir, entre outros espaços e tempos. Havia espaço privilegiado para as histórias nessa época e local, não existiam televisões que prendiam adultos e crianças na sala de estar de suas casas, esses partilhavam em rodas de histórias narrativas criativamente inventadas, lendas que sobreviveram na memória das pessoas de cada nova geração.



Somos seres da narrativa, vivemos contando histórias, dependemos da oralidade para nos comunicarmos. Somos, por natureza, relatores de fatos, contadores de histórias (DALVI et alli, 2013). Entretanto, se por um lado a narrativa nos constitui, por outro a tradição oral foi se fragilizando. Observa-se como fenômeno bem recente o retorno da narrativa oral e dos contadores de histórias (BUSATTO, 2008). Na tentativa de resgatá-la e contribuir na formação de crianças, o hábito de contar histórias se ligou fortemente às escolas, em particular à Educação Infantil, que tem em suas rotinas a hora do conto (BRASIL, 2005; COELHO, 1999). O que era uma experiência compartilhada em família, a narração entra no cenário educacional e é partilhada em sala de aula com novos objetivos que vão além do caráter lúdico, passando a existir também com um viés pedagógico.

A escola, segundo Kramer (1994), tem como função a formação de pessoas criativas, críticas, ativas, inventivas, descobridoras. Seria importante, desde cedo, proporcionar ações que contribuam para o desenvolvimento desse perfil, tais como a narração de histórias. Esta prática possibilita o contato com textos literários, identificados como promotores da imaginação e criatividade das crianças pequenas e de outras formas de estar e ver o mundo. Além disso, a incursão no universo literário relaciona-se ao desenvolvimento do gosto pela leitura, em cuja defesa se posicionam diversos autores, tais como Coelho (2000), Gomes e Moraes (2013) e Cademartori (2012), entre outros.

Deste modo, a arte de narrar, hoje presente nos espaços escolares, não é novidade, mas difere das práticas antigas. Aqueles que narram histórias na escola atuam na motivação e preparação à leitura de livros, proporcionando aos ouvintes, além de entretenimento, informações sobre os livros e a linguagem literária. Neste cenário, fortemente marcado pela escrita, elege-se o professor, a quem compete mediar o acesso à leitura e contação de histórias, e pergunta-se: quais suas percepções acerca do impacto das práticas narrativas que desenvolve para a formação leitora das crianças?

Com base nestas reflexões, este trabalho objetiva discutir a relação entre a contação e leitura de histórias e a promoção do comportamento leitor a partir do olhar do professor de crianças pequenas. Entretanto, sabe-se que, associado aos efeitos positivos, as narrativas, quando situadas no contexto escolar, podem assumir um tom negativo de dever, comprometendo o percurso do leitor em formação (SILVA, 2009; DALVI et alli, 2013; COELHO, 2000, entre outros). Pergunta-se: será necessária uma formação específica para que o trabalho com a narração de histórias provoque a imersão no mundo da leitura e da fantasia através dos livros de literatura?



Conduzida por estas indagações, a pesquisa que deu origem a este trabalho traz para cena a questão da formação do professor como promotor da leitura a partir da arte narrativa. Aproxima-se das percepções deste personagem provocando-lhes a reflexão sobre suas práticas. Este artigo constitui-se recorte de uma monografia de conclusão de curso e foi motivado pelas atividades desenvolvidas no projeto cujas ações têm caráter extensionista e é denominado Grupo Palavra Encantada: leitura, contação de histórias e a formação de professores suficientemente narradores, da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI-UECE). O projeto defende a necessidade de que o professor que irá atuar com crianças tenha contato com a literatura para poder compartilhá-la. A pesquisa pauta as ações formativas desenvolvidas neste projeto, ligado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, e justifica-se pela proposição de reflexões sobre o contexto de formação leitora da criança e práticas que podem contribuir para esse processo.

Como apontado anteriormente, hoje se evidencia uma realidade onde ler não é trabalhado nas escolas como atividade prazerosa. Seria necessário, segundo Rojo (2009), que as escolas mudassem sua abordagem diante da leitura, dos livros e outros portadores de textos que ela possui, abrindo as bibliotecas, possibilitando o contato dos alunos com acervos ricos e variados, incentivando a leitura de impressos de diferentes naturezas, em vez de negar esse contato. Diante disso, os cursos de formação inicial devem propiciar ao professor em formação a aproximação com inúmeros tipos de textos, entre eles os literários e ofertar situações em que experimentem diferentes práticas narrativas e a reflexão sobre elas (DIÓGENES, 2008).

Ler para uma criança, envolvê-la em momentos de contação de histórias, é muito positivo para quem proporciona o momento e, mais ainda, para as crianças que crescem envolvidas no mundo da leitura. Estas provavelmente saberão o que é ler e terão maior chance de serem boas leitoras no futuro. Ao concordar com isso Curto, Morillo e Teixidó (2007) falam que as crianças ao observarem adultos lendo em voz alta compreendem o que é ler muito cedo e saberão segurar um livro e imitar o adulto mostrando aos demais que ela sabe ler. Estas são atitudes importantes para futuros leitores. Crianças que tem esse tipo de incentivo desde pequenas provavelmente serão boas leitoras e o professor é importante agente na promoção do encontro das crianças com a literatura.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, pois “aqui se analisa o exame da natureza, do alcance e das interpretações possíveis para o fenômeno



estudado; não se restringe a uma contagem ou a uma descrição, mas busca-se a essência do fenômeno ou teoria” (BONAT, 2009, p.12). O instrumento utilizado na coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com oito perguntas. As entrevistas aconteceram em diferentes locais, na casa das entrevistadas, no local de trabalho das mesmas e na Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI-EUCE). A escolha do local foi realizada pelas entrevistadas e baseou-se no fato de serem mais adequados e confortáveis, livres de incômodo.

Os sujeitos da pesquisa foram dez pessoas que fizeram parte do projeto Grupo Palavra Encantada, entre bolsistas e voluntárias, todas do sexo feminino, com faixa etária variando entre 21 e 38 anos. No corpo do texto omitimos os nomes das participantes da entrevista para preservarmos sua identidade. Para distinção das falas optamos por utilizar o termo “entrevistada” sucedido por uma letra do alfabeto. Para nutrir os dados da pesquisa a amostra constituída foi baseada no engajamento que os sujeitos tinham com o projeto. Sendo assim, as educadoras participantes foram consideradas aptas a falarem sobre suas práticas narrativas relacionando-as às ações do grupo e sobre as contribuições que o mesmo ofereceu a suas atuações como professoras da Educação Infantil e, em particular, à formação leitora das crianças. O número de entrevistadas não foi predeterminado, a tentativa de coletar mais dados, com mais pessoas, foi realizada, mas por questões de localização de moradia de algumas, isso não foi possível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Crianças normalmente adoram brincar, correr e quando não tem hábito leitor elas tratam o livro como um objeto comum, manipulando-o de qualquer forma, algumas acabam até rasgando-o. Porém, com a inserção de práticas de leitura e contação de histórias no cotidiano elas adquirem hábitos leitores antes mesmo de aprenderem a ler de modo autônomo (SILVA, 2009; DALVI et ali, 2013; ROJO, 2009). Ao focarem nas aprendizagens das crianças que tem contato cedo com a leitura e reforçarem a ideia de hábito leitor, Brandão e Rosa (2011) defendem que crianças participantes habituais de roda de histórias desde a primeira etapa da Educação Básica desenvolvem conhecimentos distintos daquelas que não compartilharam dessa experiência. Ressaltam, em relação às primeiras, que “elas apresentam comportamento imitativo do adulto, repetindo gestos, propondo brincadeiras com livros, ensaiando ser contadoras e leitoras de histórias” (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 36).



Esta questão evidencia-se nos posicionamentos das entrevistadas com relação ao hábito leitor das crianças, quando fazem destaques marcantes. Ao usar um exemplo de sua turma, uma delas referiu que seus alunos de dois anos de idade tinham bastante dificuldade de se concentrar e entender o que era um livro. Pareciam não entender que não era para serem rasgados, mas para serem lidos e que, através de suas histórias, eles poderiam viajar para outros mundos. A professora destacou como marco inicial desse entendimento as contações e leitura de histórias que realizou em sala de aula, quando pode observar depois dessas práticas que eles começaram a pegar os livros não mais para rasgá-los e sim para lê-los. Segundo ela, ao manusearem os livros, as crianças, além de zelo com o objeto livro, demonstram incorporar o papel de narrador e contavam histórias para os colegas. E enfatiza: “E, desse grande avanço, para eles lerem as histórias é um pulo” (Entrevistada A).

As falas das entrevistadas ratificam que as crianças começam a se tornar leitoras desde muito pequenas e a leitura deve ser estimulada logo na Educação Infantil porque na maioria dos casos não há o hábito de ler em casa, os pais não tem tempo para isso, estão ocupados com questões de trabalho. Na escola a criança terá contato mais forte com a leitura e esta influência deve ocorrer ao longo da Educação Básica para que os alunos não cheguem ao ensino médio sem saber ler bem e compreender o que leem.

Entretanto, ao grupo de sujeitos também importa parceiros nesse processo. Para as professoras, a família ao envolver-se com tais práticas torna-se parte fundamental na construção de leitores. “A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão” (REGO, 2003 *apud* DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22). Assim como os professores, os pais precisam ser incentivadores no processo leitor de seus filhos, fortalecendo o contato das crianças com o livro, assim como fazem com os brinquedos, mostrando para as crianças que ele pode promover prazer e alegria, igualmente aos brinquedos. Para isso, podem engajar-se num trabalho cooperativo cujos impactos vão se refletir na formação leitora da criança. Cavalcanti (2004) ressalta a importância da família na formação leitora de seus filhos, pois “os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos”. (CAVALCANTI, 2004, p. 67).

A leitura em família, além de ser um exemplo para a formação de um hábito leitor e de fortalecimento das práticas escolares, é também uma ação que gera afetividade e fortalece vínculos familiares. Ler para crianças é proporcionar-lhes alegria, é uma experiência que será lembrada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

durante toda sua vida. Sustentando essa ideia, Queirós afirma que “ler para as crianças é invadir de alegria sua infância, enquanto anunciamos ainda que a solidão tem a leitura como recurso para lhes fazer companhia e ampará-las diante dos mistérios que as cercam” (QUEIRÓS, 2012, p. 93).

Percebemos na análise dos dados que todas as entrevistadas citam que através da contação e leitura de histórias as crianças conhecem os livros e passam a tratá-los de forma diferente, passam a entender que as histórias estão escritas naqueles livros e começam a manuseá-los como se já soubessem ler de modo autônomo, passam a desenvolver hábitos de leitores experientes, escolhendo os livros para que as professoras leiam, além de discutirem e recontarem as histórias. Alguns desses aspectos ficam evidentes nas seguintes palavras:

Já contei várias histórias para eles. Eu pude observar nas crianças a participação delas, a desenvoltura na oralidade, a ampliação do vocabulário, o interesse. Esses já me perguntam “tia qual vai ser a história do dia?”, eu percebo que estimula mesmo na questão deles terem vontade de conhecer livros, pegar livros e ler, desperta o prazer pela leitura. (Entrevistada G).

Essa fala e outras analisadas na pesquisa evidenciam que as práticas narrativas, sejam leitura ou contação de histórias em sala, contribuíram para o desenvolvimento das crianças, para a formação do hábito leitor. A despeito do que muitos creem, a capacidade de ouvir histórias não é algo natural, demanda ensinamentos. Como percebemos na análise dos dados coletados, é preciso ter paciência e ensinar as crianças a ouvir, a ser capaz de apreciar o que está sendo lido ou contado. Brandão e Rosa (2011) enfatizam que várias pesquisas evidenciam que crianças precisam aprender a serem participantes ativos de rodas de histórias, sabendo ouvir.

A percepção da relação entre a escuta ativa das histórias e a construção de narrativas pessoais também é destaque nas palavras de outra entrevistada:

As crianças não somente contam as histórias folheando o livro ou recontam a partir de uma encenação que elas vejam. Muda a forma como eles chegam à escola e contam o dia a dia deles detalhadamente e para isso acontecer eles precisam de uma estrutura psicológica e acho que é justamente esses momentos que os professores promovem com a contação de histórias e de leitura, dão uma noção para eles de como se faz esse processo de organizar as falas. (Entrevistada C).

O relato da ex-bolsista é bastante rico, mostra a capacidade de criação e elaboração de um texto oral pelas crianças que possuem contato com a leitura e contação de histórias. Como arrematam Brandão e Rosa (2011, p. 37): “ser capaz de ouvir traz o potencial de ser capaz de dizer”.



O próximo relato é bem parecido com o anterior e expressa a percepção da construção da relação entre o oral e o escrito pelas crianças e o modo como fazem interagir texto e ilustrações:

Na época que eu estava no grupo eu trabalhava em uma creche com crianças de três anos e eu sempre contava histórias com livros, sem livros. Eu sentava com eles, lia uma história e ao fim entregava os livros para eles. Tinha uma menina de três anos ela não sabia ler, mas ela estava recontando a história do livro e ela não era fiel ao que eu tinha dito quando contei a história, mas ela abria a página de forma linda, e via os desenhos, falava sobre os desenhos. Mas ela olhava para as letras e quando eu vi aquilo eu fiquei encantada! Ela conseguia perceber que era nas letras, nas palavras que estavam às histórias, era lá que estavam escritas. É para isso que a gente trabalha, é para isso que a gente conta histórias para levar realmente eles para os livros, para fazer com que eles adquiram esse gosto, essa sensibilidade de descobrir nas palavras as histórias. (Entrevistada D).

São evidentes nas citações, atitudes expressas pelas crianças que se caracterizam como comportamento leitor. Ao abordarem essa questão, Brandão e Rosa (2011) falam que essas práticas são de natureza sociocultural, são resultantes da participação das crianças em momentos coletivos que envolvem histórias lidas ou contadas com a mediação de um adulto que, neste caso, é o professor. A contação e leitura de histórias provocam a reprodução de ações que caracterizam o hábito leitor nas crianças, mas podem ir além. Como mostra Debus (2006), a prática de contar histórias pode influenciar direta e indiretamente na aprendizagem da leitura e também da escrita, pois, envolvidas em diferentes narrativas, os pequenos leitores entram em contato com novos vocábulos e a própria estrutura meio e fim das narrativas auxiliam as crianças na elaboração de suas próprias narrativas. “O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade” (DEBUS, 2006, p. 75).

Se há a pretensão de gerar nas crianças o gosto pela leitura e, agregado a isso, o hábito de ler e a compreensão leitora, nada melhor do que se trabalhar com um gênero textual destinado a elas e que cai no gosto até dos adultos. Além da criação do comportamento leitor, a criança, ao entrar em contato com o universo mágico da literatura, é capaz de pensar sobre sua realidade, sobre outras possibilidades de estar no mundo. Ela passa a ter uma visão de mundo diferente. Colaborando com esse pensamento, Abramovich diz: “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16). Uma das falas das entrevistadas é convergente à ideia da autora ao abordar a relação entre ficção e realidade construída pela criança:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A leitura do livro e a contação de histórias vai além. As crianças perguntam ‘e ET existe?’ Porque no livro diz que existe ou dragão, bruxa, princesas existem e com o livro a criança percebe que tudo é possível no mundo da imaginação. Então esse momento de contação de história, leitura de livros literários tem tudo isso, mas se ela não tem esse contato inicial fica muito difícil fluir a imaginação e as indagações. (Entrevistada F)

Os relatos são claros ao se referirem à imaginação das crianças, às suas possibilidades de criação a partir das histórias e dos livros de literatura infantil, apontando a importância de que fiquem próximas dos livros, da leitura, das histórias, da literatura. Segundo Cademartori (2012), a literatura infantil é bem mais que “historinhas para crianças”, são textos ricos, bem elaborados e idealizados para uma faixa etária que está iniciando no mundo da leitura. A autora, ao falar da literatura infantil, nos dá uma ideia clara de sua opinião sobre esse gênero literário ao dizer que “a literatura destinada à criança, no entanto, sempre pôde, com liberdade total de criação, imaginar mundos mágicos, fantásticos, alternativos, sobrenaturais.” (CADEMARTORI, 2012, p. 35). Em acordo com isso, Queirós (2009) nos fala que o ser humano se encontra realmente livre no mundo da ficção. A cordialidade, afetividade, liberdade, espontaneidade, e fantasia são conexos à constituição literária. “Daí a literatura ser próxima da criança. [...] Nesse sentido indispensável à presença da literatura em todos os espaços onde circula a infância”. (QUEIRÓS, 2009 *apud* BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 40-4).

CONCLUSÃO

A apropriação de um comportamento leitor pelas crianças, antes mesmo de saberem ler de forma autônoma, foi algo de destaque na pesquisa. As crianças que tiveram contato com histórias narradas pelas professoras com o auxílio do livro descobriram cedo o que é ler e tornaram-se capazes de reproduzir ações que caracterizam essa aprendizagem. Elas passaram a manusear o livro de forma convencional, folhear, contar a história seguindo o texto escrito com o dedo. Passaram a entender que a história escrita está nas palavras e não nas imagens, mas compreenderam que estas complementam a narrativa, sendo fonte de interpretação do texto e entendimento daquelas. Uma atitude assim é formidável, é um salto para a aprendizagem da leitura plena. Dessa maneira, conclui-se que narrar histórias, um hábito antigo nas pequenas comunidades, retoma seu lugar social e nas salas de aula ajuda o professor em sua complexa tarefa de educar impactando positivamente na formação leitora de seus alunos.

Diante do exposto e das expressivas manifestações de encantamento com a arte narrativa, reafirma-se que os cursos de formação inicial de professores precisem ofertar situações de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aproximação dos futuros docentes com a leitura e contação de histórias, proporcionando um contato com diversas formas de utilizar estas práticas. Entretanto, para lograr êxito, defende-se que o professor se entregue à arte narrativa, goste de literatura infantil e se abasteça de diferentes técnicas, procurando enriquecer seus conhecimentos sobre as formas de contar ou ler histórias. Para serem capazes de aproximarem as crianças da leitura, as professoras assumiram-se como leitoras, e leitoras apaixonadas pelo que faziam. Isto permite pensar a necessidade de que o educador se assuma como professor suficientemente narrador e expresse uma atitude afetuosa com o texto literário e os ouvintes, ressaltando o caráter lúdico desta prática.

As professoras enfatizaram não executarem a atividade de narrar de qualquer forma, nem escolherem qualquer história. Precisavam conhecer o que ofereciam aos seus alunos. Estas atitudes expressaram o compromisso assumido como profissionais reflexivos e pesquisadores, capazes de observarem sua prática e melhorá-la se for necessário, serem curiosos e nunca pararem de pesquisar e estudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PARECER CNE/CP Nº: 5/2005.

BONAT, Debora. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. — Curitiba : IESDE Brasil S.A. , 2009.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 2º ed. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ed. São Paulo: Moderna, 2000.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministral e TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e ler:** como as crianças aprendem e como os professores podem ensiná-las a escrever e ler. Vol.1- Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALVI, Maria Amélia et alli (orgs.). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo, SP: Parábola, 2013.

DEBUS, Elaine. **Festaria de brincança:** a leitura literária na Educação Infantil. São Paulo. Paulus, 2006.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **Família e escola:** a família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Brasília, 2007.

DIÓGENES, Ana Luisa Nunes. **Projeto Grupo Palavra Encantada:** leitura, contação de histórias e a formação de *professores suficientemente narradores*. PROEX-UECE, 2008. (mimeo).

GOMES, Lenice e MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral.** São Paulo : Cortez, 2013.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos:** uma alternativa curricular para educação infantil. São Paulo: Ática, 1994.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos.** Organizador, Júlio Abreu. Belo Horizonte. Autentica Editora, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Vera Maria Tietzman. **Literatura infantil:** um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.